

Os monges e as viagens imaginárias ao Além: a *Visão De Túndalo* 1

Prof. Dra. Adriana Zierer

Departamento de História e Geografia
Universidade Estadual do Maranhão
adrianazierer@gmail.com

e

Bianca Trindade Messias

Graduanda em História pela Universidade Estadual do Maranhão
Bolsista BIC/UEMA (2008-2011)
bia-tm@hotmail.com

Resumo

Os monges vivem isolados, oram e se dedicam a contemplar a Deus e as Suas maravilhas. Esses homens divinos possuem o monopólio das letras e contribuíram para a intelectualidade da Idade Média através da elaboração dos manuais pedagógicos cristãos. Um dos grandes temas presentes nas produções dos monges foi as viagens imaginárias, que narram relatos de visões do Além, apresentando os contornos dos espaços do pós-morte que são: Inferno, Purgatório e Paraíso. Essas narrativas alertam os cristãos para as corretas formas de conduta na vida terrena para que atingissem o Paraíso na outra vida. A *Visão de Túndalo*, escrita no século XII por um monge cisterciense de origem irlandesa, foi traduzida para o português no século XV e é um exemplo de viagem imaginária que foi muito difundido na Europa. Essa fonte narra a história de um cavaleiro pecador, chamado Túndalo, que foi escolhido por Deus para participar da viagem ao Além. Possui conexões com relatos anteriores, como a *Visão de Drythelm* (século VIII) narrada pelo monge anglo-saxão Beda. As visões têm como função converter os pagãos e fortalecer os cristãos na fé por meio de uma lição salutar. Assim, os monges cumpriam com o seu ofício por meio de seus escritos que atuavam no ordenamento da sociedade, visando o estabelecimento da paz e guiando os seu rebanho ao caminho da salvação.

Palavras-chaves: Monges. Viagens imaginárias. Além Medieval. *Visão de Túndalo*.

Abstract

Monks live isolated praying and dedicate themselves to contemplate God and His wonders. Those divine men possess the control of the writing and contributed to medieval intellectuality by the elaboration of Christian teaching manuals. One of the great themes presented in the monks' production were the imaginary journeys which narrate the visions of beyond, showing the traces of the spaces postmortem which are: Hell, Purgatory and Paradise. These narratives warn Christians to the correct forms of conduct in this life to reach heaven in the afterlife. The *Vision of Tnugdál*, written in the 12th century by a Cistercian monk of Irish origin, was translated into Portuguese in the 15th century, and is an example of imaginary journey that was widespread in Europe. It has connections with older visions such as *Vision of Drythelm* (8th century), narrated by the Anglo Saxon monk Bede. The function of the visions is to convert the pagans and strengthen the Christians in faith through a salutary lesson. Thus, the monks performed their office through their writings that dealt with the ordering of society, with the purpose of establishing peace and guiding their flock in the way of salvation.

Key-words: Monks, Imaginary Journeys, Medieval Beyond, *Vision of Tnugdál*

1. Introdução

A Igreja medieval, um dos grandes pilares de sustentação da sociedade feudal, é composta pelos *oratores*. Eles ocupam uma posição de destaque no sistema trifuncional, sendo responsáveis pela construção ideológica que atribui aos três principais componentes da sociedade (os que oram, os que rezam e os que trabalham), determinadas funções, visando garantir o estabelecimento da paz e da harmonia na Idade Média. Essa harmonia prevê a desigualdade social e a reciprocidade das funções entre *oratores*, *bellatores* e *laboratores* (Duby 1982).

O grupo dos *oratores* é formado pelos monges, bispos, arcebispos, padres, entre outros, cada um desempenhando as suas atividades, que consistem em difundir os ensinamentos de Jesus de forma simples, por meio da oralidade, com o objetivo de guiar o seu povo à salvação.

Entretanto, no seio da organização eclesiástica existe uma nítida divisão entre clero regular e clero secular. O clero regular se restringe aos homens que deixaram o convívio humano para se dedicar à contemplação a Deus. Já o clero secular são padres que estão em contato com os fiéis, para ajudá-los a caminhar na fé cristã.

Na própria sociedade medieval há uma separação entre os clérigos e os leigos, diferenças que envolvem as maneiras de agir, pensar e as atividades que são realizadas para a movimentação da civilização feudal. Os clérigos são homens que vivem de oração, devem obedecer à regra do celibato, servir ao ofício divino, são proibidos de derramar sangue, de participar de jogos e festas mundanas.

Em contrapartida os leigos “[...] podem possuir bens temporais, estão autorizados a se casar, a cultivar a terra, e promover uma ação na justiça. Eles trazem suas oferendas para os altares e pagam o dízimo” (Schmitt 2006: 239). Mas, a relação dos clérigos com os leigos é de complementaridade, pois os clérigos necessitam do trabalho manual dos servos, para que cresçam e fortaleçam os seus bens materiais que são convertidos para a manutenção das Igrejas e mosteiros, assim como se valem da força dos *bellatores* na defesa das suas propriedades.

Os leigos recebem a orientação dos religiosos para cumprirem os seus deveres perante a Santa Igreja e não se perderem nos pecados mundanos. Desta forma, concebemos a sociedade feudal de forma dialética, em que uma ordem necessita da outra para desempenhar as suas funções que consistem em orar, guerrear e trabalhar.

Na perspectiva da hierarquização eclesiástica, os monges encontram-se no patamar social mais elevado. Eles buscam lugares isolados para refletir e contemplar a Deus. Por esse motivo eram considerados os mais puros da sociedade e próximos dos anjos.

O monaquismo, de *monakos*, solitário, surgiu no Oriente, com Santo Antão (c. 251-356), o pai dos anacoretas ou eremitas quando indivíduos isolaram-se dos outros para viver no deserto. Alguns moravam em árvores, os herbívoros comiam ervas diretamente do solo, entre outras atividades de extrema rigidez. Mais tarde organizaram-se em comunidades, iniciadas por São Pacômio (c. 292-346) em Tebas quando escreveu uma regra (c. 320). A vida cenobítica (do grego *koinon*, “comum” foi aprovada por São Basílio de Cesaréia, considerado o pai do monasticismo ortodoxo (Loyn 1990: 260). Em suas *Regras*, Basílio exortava os monges a viverem em comunidade, empreenderem um trabalho intelectual e se preocuparem com os pobres (Comby 1996: 85).

A regra de S. Bento foi criada no século VI, tendo grande expansão no Ocidente. Seu principal preceito era “*orat et laborat*”, onde os monges, embora vivendo no isolamento tinham o dia regulado pelo canto das horas canônicas e deveriam renunciar às riquezas, ao corpo (a renúncia a este era considerada uma forma de pobreza) e prestar

severa obediência ao abade, considerado o representante de Cristo. No século IX os beneditinos se tornaram predominantes no Ocidente. Essa regra deu origem a duas importantes ordens monásticas, os cluniacenses, no século X e os cistercienses, no final do século XI.

A admiração pelo ideal monástico e em especial pelos eremitas aparece frequentemente nas obras literárias da Matéria da Bretanha. Em *A Demanda do Santo Graal*, do século XIII, o mais puro dos cavaleiros, Galaaz, se assemelha a um monge, pois não possui desejos carnis e vive a rezar, jejuar e se confessar com os eremitas que encontra no caminho. Estes últimos aconselham aos cavaleiros e interpretam os seus sonhos. Devido ao exemplo desses religiosos, muitos guerreiros após retornar da busca do Graal passam a dedicar as suas vidas a Deus com o intuito de obter a salvação.

Apesar de os monges estarem restritos aos mosteiros, conseguiam alcançar o público por meio dos seus escritos, pois possuíam o monopólio das letras. E cabia ao clero secular difundir os ensinamentos dos monges durante a pregação, pois “[...] a voz e o ouvido continuam a ser os canais essenciais do verbo” (Baschet 2006: 182), diante de uma população que não tinha o hábito da leitura.

Os clérigos difundiam a ideia de que o ser humano era um *homo viator* caminhando para o verdadeiro mundo, o mundo celeste e que durante o seu tempo no século, isto é na vida terrestre, deveriam ser capazes de manter o corpo puro para que na outra vida pudessem ascender ao Paraíso. Os julgamentos de Deus se efetuariam de duas formas: a primeira, após a morte, quando, de acordo com os pecados o indivíduo purgaria seus pecados temporariamente no Purgatório. Um segundo momento seria na Parusia, segunda vinda de Cristo quando haveria o Julgamento Final dos salvos e pecadores e a Jerusalém Celeste seria implantada.

2. Os monges e as Viagens ao Além

A preocupação com o destino das almas é antiga em diversas culturas e também na judaico-cristã. Desde o século I foram produzidos os Apocalipses e textos apócrifos, procurando explicitar alguns locais do Além e as punições aos pecadores.

Dentro da produção dos monges uma das mais recorrentes era sobre as viagens imaginárias. Trata-se de relatos de visões do Além, em que alguns homens, em especial os religiosos que, geralmente em decorrência de uma doença ou morte aparente, atravessavam o mundo dos defuntos e voltavam para trazer o seu testemunho.

As viagens imaginárias foram bastante recorrentes ao longo das produções eclesiásticas. Esse tema é destinado ao Além, pois muitos não sabiam ao certo para onde as almas iriam após a morte e de como eram caracterizados os Três Reinos Eternos do Além: Inferno, Purgatório e Paraíso. Dos séculos XII ao XV a espacialização do Além se sofisticou, com a organização desse local dividido em cinco espaços, a saber: Inferno, Purgatório, Paraíso, Limbo das Crianças e Limbo dos Patriarcas (Cf. Baschet 2006: 394-408).

Diante de uma necessidade dos fiéis conhecerem os espaços do pós-morte, a ordem dos *oratores* teorizou, delimitou e caracterizou o ambiente infernal e celestial, indicando os elementos que ocupam esses lugares e quem eram os eleitos para ocuparem tais lugares.

A *Visio* pode ser entendida como uma exortação ou advertência aos cristãos (Patch 1983: 98), uma forma de mostrar esses espaços com o intuito de que os fiéis fizessem ações para atingir somente o Paraíso. Segundo Dinzelbacher, havia dois tipos

de visões. Na primeira, a visão extática, o visionário vai ao Além uma única vez e muda a sua conduta no retorno, como, por exemplo, as viagens imaginárias de Túndalo, Baronto, Fursy e Drythelm. Outro tipo é a aparição, constituída pelos relatos de grandes místicas como Hildegard de Bingen e Elizabeth Schönau, nos quais pessoas com alta espiritualidade tiveram várias visões, principalmente com Cristo, durante muitos anos, atuando de forma passiva durante a experiência (Carozzi 1985: 379). No caso de Hildegard, há várias representações visuais nos seus livros, inspiradas no que ela viu. Quando a própria monja é retratada, aparece sempre de olhos abertos e acordada durante esses momentos (Schmitt 2007: 327-350).

Os monges cluniacenses e cistercienses tiveram grande importância na produção de visões e de *exempla* com o propósito de evangelizar a população. No caso dos cluniacenses foram bastante importantes no sentido de lembrar aos vivos as obrigações com os mortos, estimulando os primeiros a mandar rezar missas pela alma dos defuntos. Instituíram inicialmente o Dia de Todos os Santos e depois o Dia de Finados, contribuindo com a concepção de um terceiro lugar no Além. Segundo Le Goff: “Este laço suplementar e solene entre os vivos e os mortos prepara o terreno onde vai nascer o Purgatório” (Le Goff, 1993: 150).

Elaborado pelo clero entre meados do século XII e meados do século XIII, período de ascensão de novos grupos urbanos, o Purgatório era um espaço intermediário onde após purgar por algum tempo, o indivíduo poderia conseguir a remissão dos pecados e atingir o Paraíso.

Os cluniacenses foram responsáveis por alguns *exempla* nos quais um fantasma aparecia a um religioso e lembrava ações que os vivos deveriam fazer pela alma do morto. Às vezes as visões poderiam até ter fins políticos, garantindo, por exemplo, alguma doação ao mosteiro realizada pelo morto, o que era reafirmado pelo fantasma (Schmitt 1999: 94-95).

Um dos grandes exemplos de viagens imaginárias transmitidas na Idade Média foi a *Visão de Túndalo*. O texto foi escrito no século XII e é considerado anônimo, pois embora apareça em alguns manuscritos o nome do autor, Marcus, e dedicado à abadessa G. (Gisela), de Ratisbona (Regegsberg) não se tem informação sobre quem tenha sido realmente Marcus. Só sabemos que era um monge cisterciense de origem irlandesa e que o relato foi produzido em gaélico, cujo original se perdeu, logo depois sendo transcrito em latim. O manuscrito tem versões em português do século XV.

A narrativa teve ampla repercussão no medievo, tendo sido traduzida para quinze idiomas entre os séculos XII a XV, entre os quais o francês, anglo-normando, inglês, alemão, espanhol, português, entre outros. Existem duas versões portuguesas, provenientes de Alcobaça, mosteiro cisterciense de Portugal que teve um papel muito importante na elaboração e tradução de obras literárias. Uma está localizada no códice 244, atualmente depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa e outro no códice 266 localizado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Este artigo se concentra nas versões portuguesas do relato.

Os monges cistercienses são seguidores da ordem de São Bento e segundo Jérôme Baschet, “[...] recusam possuir igrejas e receber dízimos, por respeito à função própria aos seculares, e afirmam que os monges devem sobreviver graças ao seu próprio *labor*” (Baschet 2006: 189). O trabalho braçal era realizado pelos irmãos conversos (monges de categoria inferior) que exploravam diretamente os domínios da ordem. Quanto ao *labor* intelectual dos cistercienses consiste principalmente na oração, através dela, eles vão converter os infiéis e guiar os cristãos à salvação.

O manuscrito *Visão de Túndalo*, narra a história de um cavaleiro pecador, chamado Túndalo, que foi considerado como morto por três dias. Nesse período de

tempo a sua alma foi agraciada por Deus em conhecer o destino das almas após a morte. O seu corpo não foi enterrado por haver um pouco de quentura nele.

O redator do relato utiliza a figura de um elemento da nobreza, do grupo dos *bellatores*, para mostrar a transformação espiritual e comportamental que ele sofrerá, após a sua viagem ao Além, para tornar-se um modelo de boa conduta e salvação para os medievos.

Além disso, os eclesiásticos necessitam da utilização de “armas” espirituais para que os seus discursos sejam colocados em prática e controlar a “desordem” provocada pelos *bellatores*, protegendo os primeiros daqueles que poderiam feri-los. Para isso a cavalaria deveria guerrear de forma justa com base na ética cristã.

O cavaleiro é o principal personagem da *Visão de Túndalo*. A fonte enfatiza a descrição dos espaços do Além que foram percorridos por ele, sendo os lugares infernais os primeiros para qual a sua alma foi conduzida. Porém, Túndalo não estava sozinho, foi acompanhado de um anjo para iluminar o seu caminho, que mantém uma relação de diálogo com o cavaleiro, sempre respondendo os seus questionamentos e explicando os motivos pelos quais era colocado à prova.

O objetivo central desse relato, que funciona como um manual pedagógico da salvação, é a conversão da população. Por este motivo é enfatizado que o cavaleiro contaria a sua visão aos demais. Também são ressaltadas, como forma de presentificar a narrativa do ouvinte, as impressões sensoriais, sendo os órgãos mais importantes a visão e a audição, seguidos do olfato e tato. Mas todos os órgãos dos sentidos estão presentes, através dos cheiros bons e ruins (os perfumes do Paraíso *versus* o odor de enxofre do Inferno e Purgatório), do toque agradável de flores e das vestes claras nos espaços celestiais, em oposição às torturas dos objetos pontiagudos nos lugares de purgação, e o gosto das frutas no Paraíso em oposição à ingestão do enxofre nos lugares de castigo.

3. Antecedentes de Túndalo: *Visão de Fursy* e *Visão de Drythelm*

Entre as visões que influenciaram a *Visão de Túndalo*, podemos citar dois relatos contidos na obra *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (731) do monge anglo-saxão Beda. Na obra aparecem vários relatos de visão, sendo os mais importantes a *Visão de Fursy* e a *Visão de Drythelm*.

Com relação a Fursy é um religioso que enquanto está doente vai ao Além e lá vê um ser luminoso, um anjo e alguns locais de castigo divididos em vários fogos. Naquele local havia diabos e três anjos o protegiam, mas de repente um deles conseguiu tocar o seu ombro e o queimou, queimadura que estava em seu corpo mesmo depois de acordar da visão. Mais tarde ao se lembrar dela, mesmo que estivesse em rigoroso inverno, suave.

Na *Visão de Drythelm*, o personagem central, tal como Túndalo, era um leigo, mas bom cristão e homem de família que ao ficar doente morreu. Enquanto seu corpo estava sendo velado, acordou e contou para a esposa a sua viagem imaginária. Após voltar do Além dividiu seus bens em três partes: uma para a esposa, a outra para os filhos e a terceira parte voltada, a si próprio, entregou aos pobres. A seguir ingressou no mosteiro de Melrose e lá permaneceu até a morte.

Na sua visão viu primeiramente um anjo brilhante e a seguir almas que eram jogadas simultaneamente das chamas à neve. Pensa estar no Inferno, mas o anjo lê o seu pensamento e explica que não. A seguir, o ente celestial o conduz num lugar horrível que ele não enxerga, cheio de fumaça e muito escuro. Lá estavam almas queimando como se fossem faíscas. Algumas delas caíam no fundo de um abismo. Os órgãos dos

sentidos são enfatizados em especial a audição, pois ele consegue distinguir de um lado os lamentos dos sofredores e ao mesmo tempo, o riso dos diabos. Embora estes quisessem tocá-lo e assustassem Drythelm, não têm coragem de fazê-lo por causa do anjo que o protegia.

Depois, o anjo o leva para a luz e um muro com o perfume de flores, onde ele vê homens de branco e alegres louvando a Deus. Ali pensa estar no Paraíso e o anjo responde o seu pensamento explicando que ainda não é ali. A seguir, viu uma luz ainda maior e um perfume que ultrapassava tudo o que havia sentido antes, que caracterizavam o Paraíso propriamente dito, lugar definitivo dos eleitos.

O anjo então explica os locais: aqueles que sofrem ainda tem a chance de se salvar no dia do Juízo Final, pois pecaram, mas se arrependeram na hora da morte. Seu sofrimento pode ser minorado pelas ações dos vivos, como a oração por eles e missas por suas almas. Mas aqueles que caíram no abismo, identificado com a boca da *gheena*, ou boca do Inferno, estão condenados. Já os dois espaços bons, no primeiro estão aqueles que fizeram boas obras, mas não são perfeitos e esperam para entrar no Paraíso. O anjo lhe explica que ali ainda não é o espaço celestial. Já os que foram perfeitos em suas ações, irão direto ao Paraíso. Drythelm vê o primeiro espaço com campos floridos e bom odor, mas não lhe é permitido ingressar e conhecer o segundo espaço, a Jerusalém Celeste. Depois disso, apesar de não querer, retornou ao seu corpo.

Dessas duas visões é interessante ressaltar que com relação às penalidades, Fursy é castigado, atingido pelo fogo do Além, e Drythelm vê um outro mundo cujos detalhes são explicados com maior riqueza de detalhes. Segundo Cavagna (2004, p. 6) a *Visão de Drythelm* teve grande influência na *Visão de Túndalo*. Ali já há um lugar intermediário onde as almas sofrem e que necessitam das orações dos vivos, o que já parece estar ligado à noção de Purgatório. O Além também é dividido na parte infernal em dois espaços, um dos quais associados ao Inferno propriamente dito (o abismo ou poço) de onde não se poderia sair.

Quanto ao Paraíso também é dividido de forma que lembra a *Visão de Túndalo*. No início um espaço intermediário, espécie de Pré-Paraíso, caracterizado por beleza, campos floridos e cantos, onde estão aqueles que não foram totalmente perfeitos, mas poderão atingir o Reino Celeste no Juízo Final. Depois, o Paraíso propriamente onde não lhe é permitido o acesso e que ele apenas vislumbra através de uma luz muito mais forte e um odor muito mais saboroso que na antecâmara do espaço celestial. Essa estrutura tem contatos com o Além da *Visão de Túndalo*, lembrando o Pré-Paraíso e o Paraíso visto pelo cavaleiro, que é dividido em três muros cada um melhor que o outro, conforme veremos oportunamente.

4. Purgatório e Inferno na *Visão de Túndalo*

Ao contrário dos manuscritos do século XII, no códice 244, do século XV já aparece o termo “Purgatório” o que substitui a antiga concepção de Inferno Superior, onde após a purgação as pessoas poderiam sair no Juízo Final e alcançar o Paraíso.

Nas visões mais antigas da narrativa, o Inferno é dividido em duas partes. Isso também ocorre, por exemplo, com uma *visio* precursora da noção de Purgatório, a *Visão de Drythelm*, do século VIII, um dos relatos de viagem ao Além-Túmulo contados por Beda na sua *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*.

Em Drythelm havia o primeiro espaço onde as almas que se arrependeram dos pecados sofriam e depois um poço, ou abismo, representando a boca do Inferno e o

Inferno propriamente dito (Inferno Inferior), de onde as almas condenadas jamais sairiam.

De acordo com a estrutura da *Visão de Túndalo* do século XII, os tormentos vistos pela alma e algumas vezes vivenciados por ela são divididos em oito lugares de tortura, Inferno Inferior e Paraíso (Carozzi 1994: 597). Já no códice 244 e em outros manuscritos do século XV, os antigos lugares de castigo (ou Inferno) são transformados em Purgatório e o Inferno Inferior passa a ser visto como o Inferno propriamente dito.

A estrutura desse relato é bastante complexa no que tange à Geografia do Além. Há o “Purgatório”, onde Túndalo vê as penas dos pecadores, mas ao mesmo tempo também sofre várias punições, como a dos avaros, ladrões e daqueles que “deveriam ser melhores que os outros e não o são, mas possuem línguas muito agudas para dizer muito mal” (VT, 1895: 108), entre outras penalidades. Segundo Cavagna (2004: 16), essa é uma inovação do relato, pois outros visionários anteriores a ele viam os castigos, mas não os sofriam, como por exemplo, Drythelm.

Como as versões portuguesas do manuscrito *Visão de Túndalo* estão localizadas em dois códices 244 e 266, é importante longo do estudo comparar as duas versões, a fim de identificar as diferenças presentes entre elas e as semelhanças, pois as fontes carregam a subjetividade do autor e as suas experiências no meio social. Temos a seguir um quadro que aborda alguns aspectos que nos ajudam a entender as duas versões da *Visão de Túndalo*.

Quadro 1: semelhanças e diferenças entre os códices 244 e 266 da *Visão de Túndalo*.

ASPECTOS	CÓDICE 244	CÓDICE 266
TRADUTOR	Fr. Zacharias de Payopélle.	Fr. Hilário da Lourinhã.
ESTRUTURA DA NARRATIVA	A narrativa começa com uma breve explanação sobre o cavaleiro Túndalo, seguida do seu retorno ao corpo, arrependimento das ações passadas e depois o relato sobre a sua viagem imaginária ao Além.	
AÇÃO DO ANJO	O anjo acompanha o cavaleiro, mas deixa que ele sofra várias punições e não cura os pés do cavaleiro após a punição dos ladrões.	
ORALIDADE	Frei Marcos ouviu a visão do Além contada pelo próprio cavaleiro e depois a redigiu.	Não cita a pessoa que presenciou o testemunho de Túndalo.
PURGATÓRIO	Aparece o termo no início da narrativa	Não aparece o termo na narrativa.
PARAÍSO	Muros do Paraíso muito bem delimitados	Os muros do Paraíso aparecem de forma confusa

Nas versões portuguesas do manuscrito, há dois diferentes tradutores, Frei Zacharias de Payopélle e Frei Hilário de Lourinhã. Ambos são cistercienses provenientes do Real Mosteiro de Alcobaça, mas não sabemos se eles viveram na mesma época ou se tinham algum contato.

Frei Zacharias e Frei Hilário ocuparam uma posição de destaque na sociedade, eles eram monges que se afastaram do convívio humano e viveram em plena contemplação a Deus, difundindo a fé cristã através de suas palavras e escritos.

De forma geral, os códices 244 e 266 da *Visão de Túndalo* começam a narrativa explanando a origem do cavaleiro Túndalo, as suas ações pecaminosas no mundo terreno, enfatizando o momento em que ele teve uma morte aparente e sua alma se desprende do corpo e foi conduzida ao Além.

Após essa introdução as fontes chamam a atenção para o retorno da alma ao corpo, depois de conhecer os espaços infernais e paradisíacos, seu arrependimento e boa conduta, para assim começar a descrever com detalhes a sua viagem imaginária.

O principal objetivo da fonte é explicar os erros que o cavaleiro cometeu antes da sua viagem, as punições que sofreu ao atravessar o Inferno e as glórias alcançadas, para que todos que estavam ouvindo pudessem seguir o exemplo de Túndalo e as suas ações de arrependimento.

Outro aspecto importante a ser destacado é o Purgatório, apenas no códice 244 é expresso o termo, deixando explícito para o leitor a delimitação dos espaços:

Ate aqui falou da uison que uio no purgatorio e das penas e tribulaçoens que padecen os maaos en el e no inferno, Daqui en deante fala dos beens e galardooens que uio receber aos boons na gloria do parayso. (VT, 1895: 111) (grifos nossos).

Entretanto no códice 266 não aparece o termo, mas em ambas as fontes esse terceiro lugar aparece de forma confusa.

A oralidade é o principal recurso da narrativa, pois o ouvir e o dizer predominavam na sociedade era uma forma simples de transmitir os ensinamento de Jesus e serem absorvidos por aqueles que não tinham acesso à escrita. Entretanto, no códice 244 a prática da oralidade faz referência ao Frei Marcos:

Eu frey marcos que esto screuy. son testemunha desto todo. Ca eu ui meus olhos o homen a que esto aconteceo e que me contou todo assi como ia ouuistes. e assi como o el contou a my. assi trabalhey eu de o screuer e de o contar o melhor que eu pudy. (VT, 1895: 120) (grifos nossos)

Segundo a narrativa, esse presenciou o relato de Túndalo e preocupou-se em redigi-lo o mais fielmente possível, conforme o havia escutado do próprio cavaleiro. Já o códice 266, não menciona a pessoa que testemunhou e escreveu o depoimento sobre a visão do Além.

Ao compararmos as duas versões da fonte, percebemos que alguns trechos são omitidos, alterados, ou exagerados. O cavaleiro tem papel de destaque, ao se posicionar diante das dificuldades, refletindo sobre os seus pecados, e ganhando voz ao longo da narrativa, com seu constante diálogo com o ser celestial, o que enfatiza a forte presença oralidade na obra.

Percebemos a abundância de verbos associados ao órgão da audição, como dizer, ouvir, falar, responder, bem como do uso do vocativo: “rogo-te que...” e muitas outras palavras que remetem a sons. O cavaleiro várias vezes toma a palavra, o que dá grande vivacidade ao relato. Além do constante questionamento ao anjo sobre o tipo de pecado, quem estaria ali, por qual razão, ele também questiona sobre a justiça divina e mostra as suas conclusões quando se convence da bondade divina e da necessidade de corrigir as suas más ações.

O anjo é responsável em guiar o viajante ao Além e mantém uma relação de interação com Túndalo, explicando o motivo por ele estar naquele lugar, os pecados e punições e os momentos de alegria pelos quais passaria o cavaleiro.

Apesar de o ente divino proteger a alma nos lugares obscuros, em algumas passagens ele a deixa sofrer na escuridão dos espaços de purgação e ser punida por seus erros. Podemos citar o castigo dos ladrões, no qual Túndalo passou por uma ponte cheia de pregos carregando uma vaca que roubou de seu vizinho. Ao atravessá-la, teve os seus pés feridos que sangram em abundância em virtude dos objetos pontiagudos.

Ao contrário de uma versão provençal da *Visio*, na qual a alma é curada pelo ser celestial (Zierer 2010: 10), nas versões portuguesas o anjo lembra-o de como ele era forte para andar em vaidade. Por isso, deveria, através daquela experiência, sentir o

destino daqueles que viviam nos vícios do mundo e dar prosseguimento na jornada ao Além.

Essa atitude do anjo nos códices portugueses mostra um aspecto importante da *Visio*: o seu aspecto educativo, que se dá tanto pelos ensinamentos do ser celeste ao cavaleiro, através da palavra e do convencimento, como através dos tormentos, mostrando que aqueles que tivessem feito más ações seriam punidos na outra vida. O anjo é como um professor que ensina a Túndalo o comportamento correto (Zierer 2010: 18).

O Purgatório é um espaço intermediário entre o Inferno e o Paraíso e Túndalo observa almas em penitências ali. A imagem a seguir nos oferece pistas sobre este espaço:



Figura 1.
Jean Colombe, Purgatório, nas Très riches heures du duc de Berry.
Século XV. Musée Condé, Chantilly.

“[...] o cristianismo deixou sua marca no repertório iconográfico, na teoria e na finalidade das imagens” (Schmitt 2006: 593). Segundo Schmitt, devemos evitar considerar as imagens como simples ilustração de um texto, ao articular a imagem com o texto é necessário apreender a sua estrutura, os seus significados simbólicos que elas mantêm entre si.

A imagem acima é muito emblemática, pois temos a presença de almas que estão sendo punidas no fogo, outras se encontram num rio e algumas sobre um gramado verde e todas estão nuas por serem ainda pecadores.

As cores lembram o Inferno e o Paraíso. Os tons azuis, brancos, verdes e dourados estão relacionados ao Céu e as cores vermelhas e negras associadas ao espaço infernal, mas as almas não aparentam estar em sofrimento como no Inferno, e nem alegres como no Paraíso, mas estão em penitência, esperando o dia da salvação. A principal característica dessa imagem é a presença de anjos, que estão levando algumas almas privilegiadas para renascerem no Paraíso (Vovelle 2010: 86). Esse é o principal requisito do Purgatório: ser um local transitório de punição, um lugar de passagem.

Túndalo ao passar por esse lugar também observa algumas almas em purgação e ele mesmo sofre alguns castigos. Segundo Le Goff, “o purgatório seria o gesto de suplício que permitiria distinguir os torturados do purgatório dos condenados do Inferno e as chamas do fogo temporário das chamas do fogo eterno” (Le Goff 1994: 152). Desta forma as almas de acordo com os pecados cometidos sofreriam punições “leves” e depois de cumpridas poderiam ascender para o Paraíso.

Apesar de haver a delimitação dos espaços do Além no códice 244, divididos em Purgatório, Inferno e Paraíso, percebemos a dificuldade de localização desse terceiro espaço, pois há almas sofrendo castigos no Purgatório e Inferno, sem que pareça haver grandes diferenças entre os dois locais, ambos parecendo-se com o Inferno propriamente dito.

De qualquer forma ao passar pelos ambientes do Antigo Inferno Superior, o Purgatório das nossas versões, o anjo afirma que aqueles que estavam ali “esperam salvação” (VT, 1895: 109; VT, 1982: 44), o que mostra que depois de mitigarem as suas faltas, iriam ao Paraíso.

A concepção do Purgatório expressa na fonte é com base no pensamento de Santo Agostinho em que os não inteiramente bons e os não inteiramente maus estariam no espaço de purgação (Le Goff 2003: 92), deixando explícito para o leitor que esse lugar ainda estava em processo de teorização pela Igreja no século XII.

Nesse ambiente infernal estão explícitas as punições que o cavaleiro sofre de acordo com os pecados cometidos na vida terrena. A purgação dos pecados é sempre marcada pela presença do fogo, que queima as almas e atormentadas pelos diabos que habitam no submundo. Muitas vezes também se dá a passagem do fogo à água gelada nos tormentos.

Túndalo e o anjo antes de atingirem o Paraíso propriamente dito, chegam a um lugar intermediário, dividido em duas partes, onde observa pessoas passando pela provação sem muita dificuldade, pois são antes de tudo almas boas que esperam o dia de alcançarem o espaço dos eleitos. Ao se aproximarem do Pré-Paraíso, que pode ser caracterizado como uma espécie de limbo, segundo Cavagna (2004), observa a presença de almas tristes e sofrendo: “*Ali moram os non muy boons que son liurados e tirados das penas do inferno, e non merecen ainda seer chegados aa companhia dos sanctos.*” (VT, 1895: 112) (grifos nossos). Neste local as pessoas viviam vinte e uma horas de felicidade, mas ainda três horas em estado de purgação, sofrendo devido aos seus pecados. Inicialmente são apresentados dois reis da Irlanda, Cantúbrio e Donato, que antes eram inimigos e agora viviam como amigos. O primeiro após uma doença, prometeu que se ficasse bom se tornaria monge. O segundo, após ficar anos em prisões, deu tudo o que tinha aos pobres. Essas atitudes dos reis, figuras de destaque dentro da categoria dos *bellatores*, indicava que todos na sociedade deveriam ter um comportamento exemplar e que os nobres deveriam fazer doações e ingressar na vida religiosa no fim da vida. Um terceiro rei visto no Pré-Paraíso é Cormaço. Dos três monarcas, ele é o único no qual os tormentos sofridos são descritos: algumas horas por dia, do umbigo para baixo, queimava no fogo e usava um cilício do umbigo para cima, devido ao fato de ter cometido o adultério e de ter matado um conde no santuário de São

Patrício (Zierer 2003: 157). Todos os seus outros pecados tinham sido perdoados. Embora com alguns elementos do recanto celestial, o Pré-Paraíso, portanto, se caracteriza, assim como o Purgatório, como mais um local intermediário, uma antecâmara do Paraíso, onde se realiza a purificação de algumas penas.

Aquelas pessoas que estavam ouvindo a descrição do Purgatório e do Inferno durante um sermão, sentiam medo de sofrerem nesse lugar de escuridão, assim como aconteceu com o cavaleiro Túndalo, e passam a ter consciência de seus atos realizados nesta vida. A Igreja principalmente através da difusão de uma pedagogia do medo (Delumeau 2009) ou cristianismo do medo (Le Goff 2006: 30) assegura a sua dominação sobre a ordem vigente, indicando as boas ações a serem realizadas para os cristãos alcançarem a salvação eterna.

Quanto a Túndalo, pela primeira vez em um relato de visão o Inferno e o diabo são dados a conhecer com tantos detalhes e o viajante sofre as penas do Além em seu corpo. Lúcifer, o príncipe das trevas, era um anjo de luz, mas devido o seu orgulho e ganância ficou aprisionado nas profundezas do Inferno marcando assim, o ingresso do mal no universo.

Apesar da Paixão e Encarnação de Cristo ter nos salvado do poder do Diabo, A Igreja não deixa de sustentar a tese de que ele ainda não esteja totalmente vencido, “se assim o fosse, não haveria razão para a continuidade da existência da Igreja”. (Nogueira 2002: 41). Entretanto, a Igreja constantemente combate por meio da oração aqueles que desejam desestruturar a sua ordem, como os hereges, os feiticeiros, pagãos e entre outros.

Um dos motivos pelos quais Túndalo se arrepende de suas faltas é o de, além de sofrer tormentos no Purgatório e ter visto os suplícios aplicados por Lúcifer, haver reconhecido vários de seus parentes e amigos no Inferno (VT, 1895: 111), o que confirma a pedagogia da *visio*.

Os eclesiásticos lutam para a manutenção da paz e harmonia na sociedade, sendo que a Santa Igreja torna-se um grande muro contra os vícios do mundo, em que todos podem se refugiar e sentirem protegidos pelo Pai, os anjos e a Virgem Maria por meio da oração e da fé cristã. Assim, os discursos dos clérigos são constantemente adaptados de acordo com as circunstâncias e os interesses, levando respostas e conforto diante das catástrofes e ameaças que ocorrem e atingem a vida na Idade Média.

4.1 O paraíso na *Visão de Túndalo*

Segundo Delumeau, a descrição do Paraíso desta *Visio* é bastante pormenorizada, “pois ela [...] evoca mais demoradamente que muitas outras, a felicidade do Além” (Delumeau 2003: 82). O Paraíso é um espaço de alegria e tranquilidade, em que as almas boas são destinadas aos três muros: Prata, Ouro e Pedras Preciosas, cada um mais alto, iluminado e saboroso do que o outro, conforme as boas ações realizadas na vida terrena. No *Apocalipse de S. João* os eleitos de Deus estão também em muros (Ap 21, 15-23). Os muros do Paraíso são bem delimitados no códice 244, em que Túndalo ao entrar é apresentado com todas as características e a origem das pessoas que tiverem o privilégio de ocupá-los. Porém no códice 266 os espaços aparecem de forma confusa, dificultando a identificação de cada muro.

A imagem do Paraíso está disposta de forma hierárquica, a mais perfeita organização celestial refletida na terra, atendendo aos interesses eclesiásticos que

elaboraram a teoria trifuncional da sociedade e estavam localizados próximos dos santos e mártires, apropriando-se do poder divino que eles desempenham no meio social.

Segundo a *Visio*, no Muro de Prata estão aqueles que foram castos no casamento, num lugar muito bonito, com roupas claras, onde há presença de flores, bons aromas e cantos. Estes foram aqueles que seguiram o casamento nos moldes da Igreja, isto é, voltado à procriação. O Muro de Ouro é a morada dos religiosos, dos construtores da Igreja, isto é, aqueles que contribuíram para o fortalecimento da instituição eclesiástica no mundo terreno, dentre os quais os monges. Há a presença de uma árvore que representa a Igreja Católica e os habitantes desse local usam coroas em suas cabeças e cantam sem mover as bocas.

Segundo Baschet, no medievo, o aberto e o profundo estão associados ao demoníaco, por isso a “boca do Inferno”, local profundo para onde iriam os eternos condenados (Baschet 1985: 193-194). Já o fechado significa algo bom, daí provavelmente o fato de não ser necessário o movimento bucal nesse espaço privilegiado do Paraíso para que as almas cantassem.

Por fim, no nível mais alto do Paraíso estava o Muro de Pedras Preciosas, reservado às nove ordens de anjos, Serafins, Querubins, Dominações, Tronos, Principados, Potestades, Virtudes, Anjos e Arcanjos. Além dos anjos temos os patriarcas, os profetas da Bíblia, os apóstolos de Jesus e as virgens. Nesse espaço Túndalo vê um Santo irlandês, São Patrício, que participou da implantação do cristianismo na Irlanda, terra natal do cavaleiro. Além dele também vê S. Malaquias, abade de Armagh, falecido em 1148 e que tinha muita afinidade com São Bernardo. Segundo o código 244, tudo o que S. Malaquias tinha e recebia como doação entregava aos pobres e mosteiros (VT, 1895: 119).

O Muro de Pedras Preciosas supera em beleza e alegria tudo o que haviam visto antes. Há um espaço onde a alma não pode entrar e a seguir o cavaleiro retorna ao corpo. Aqui há uma analogia com Cristo que ressuscita no terceiro dia, assim como Túndalo renasceu espiritualmente após a sua experiência.

A organização do Paraíso é a imagem ideal do homem e da sociedade, em que ambos estão divididos em três lugares. Cada espaço é destinado a um grupo de acordo com as condutas dos medievos na vida terrena, assim como na sociedade medieval em que cada ordem é ocupada por homens que desempenham as suas funções específicas; aqueles que oram, combatem e trabalham.

Conclusão

Detentores dos poderes espirituais, os monges assumem um papel de destaque na sociedade medieval. Apesar de viverem em mosteiros, distantes do contato com o século, eles são fundamentais para o ordenamento da população, visando alcançar o ideal de boa convivência entre todos pautada na ética cristã.

Para alcançar tal desejo eles confeccionaram manuais pedagógicos cristãos que eram transmitidos de forma simples pelos clérigos, esses se encontravam no meio da multidão, ajudando os necessitados, convertendo os pagãos e guiando o seu rebanho para uma vida espiritual com Cristo. A elaboração dos manuais estava constantemente relacionada com os grupos sociais, as suas funções e as próprias circunstâncias que ocorriam na sociedade, trazendo respostas, conforto para os cristãos diante de tais males que desestruturavam a paz na Idade Média.

Dentro da vasta produção dos monges damos destaque às viagens imaginárias. Elas trazem relatos de homens, podendo ser leigos ou religiosos, que foram agraciados

por Deus para conhecer o Além Medieval e voltaram para testemunhar as coisas vistas e sentidas ao longo da viagem.

Entretanto, a composição desses relatos não ocorre de forma isolada, pois os monges apesar de reclusos do mundo dos leigos estão inseridos no meio social. Percebemos que a construção das narrativas sobre viagens imaginárias, absorveram vários elementos que foram abordados de outros relatos de visões do Além e até mesmo da cultura pagã, que foram cristianizados. E algumas semelhanças são encontradas nas histórias, sendo a finalidade converter os pagãos e fortalecer os cristãos na fé cristã, guiando-os para a salvação eterna.

A construção, delimitação, teorização e caracterização dos Três Reinos Eternos do Além – Inferno, Purgatório e Paraíso – foi algo pensando, refletido e reelaborado pelos eclesiásticos, diante da dificuldade de indicar aqueles que ocupariam tais espaços, as suas divisões e os elementos que carregariam para se diferenciar.

Entre os vários relatos produzidos, a *Visão de Fursy* e a *Visão de Drythelm* possuem algumas abordagens sobre os mistérios do pós-morte, visando explicar o ambiente infernal e celestial para um mundo cristão que desconhecia esses lugares. No processo de caracterização desses espaços houve um estímulo para a produção das imagens, enfatizando o contraste entre as trevas do Inferno e a luminosidade do Paraíso. Essas viagens influenciaram a confecção da *Visão de Túndalo*.

Nesta fonte pela primeira vez o visionário não apenas via os espaços de purgação, mas também sofria nesses lugares de acordo com os seus pecados. Ao mesmo tempo Túndalo é o primeiro viajante do Além a entrar no Inferno propriamente dito, observar os seus espaços e encontrar a figura de Lúcifer. Outro aspecto relevante é que pela primeira vez encontramos um Paraíso mais detalhado, no qual a alma ingressa, conhecendo as suas características. Por isso, esta *Visio* teve grande importância na caracterização dos espaços do Além-Túmulo e influenciou outras obras como *A Divina Comédia*, de Dante Alighieiri.

A partir principalmente da *Visão de Túndalo* as almas eleitas ao realizarem a viagem também participam das punições no Inferno, em que sentem o fogo queimando-as, maus odores, ouvem os gemidos, pois os sentidos são bastante aguçados, principalmente a visão, a audição e o olfato. Porém, as almas são surpreendidas no Paraíso ao verem a alegria, a paz, luminosidade e agradáveis perfumes que se espalham entre os campos celestiais, sendo acompanhadas pelo anjo e protegidas por eles, e em alguns momentos atormentadas pelos diabos e seus castigos.

O Inferno e o Paraíso são muito bem delimitados nesta *visio*, porém percebemos a dificuldade em delimitar e teorizar o Purgatório. A fonte foi escrita no século XII e nesse tempo esse terceiro lugar ainda estava em processo de construção, sendo definido no século XIII. Assim, o manuscrito carrega as dificuldades e as subjetividades dos monges ao escreverem os documentos, pois eles ao proporem um novo lugar para as almas se deparam com as produções que foram feitas acerca do tema e a tentativa de absorvê-las e adaptá-las para o discurso cristão.

Porém, para além da elaboração dos destinos das almas após a morte, a *Visão de Túndalo* alcança o seu objetivo de transmitir uma lição moral de bom comportamento para os cristãos, para que todos possam ter consciência de seus erros e se arrependessem das más condutas cometidas ao ouvir o relato, principalmente, devido ao sofrimento que o cavaleiro teve no Purgatório, onde é torturado com os avaros, ladrões, entre outros.

Para justificar a importância das viagens imaginárias são mencionados no relato várias passagens das sagradas escrituras, enfatizando a misericórdia de Deus e a sua Justiça divina. Túndalo é visto como prova do milagre eucarístico, pois a sua alma retornou ao corpo no terceiro dia, que era sábado, no mesmo dia em que Jesus

ressuscitou, conforme a História da Paixão de Cristo. O cavaleiro no seu retorno do Além realizou a caridade, uma das sete virtudes da Igreja.

Os monges cumprem com o seu ofício de orar, contemplar a Deus e, sobretudo guiar o seu rebanho para o caminho da salvação de diversas formas, entre as quais, por meio da produção das viagens imaginárias, visando a conversão dos cristãos.

Portanto, agem no processo de disciplinarização da sociedade, lembrando os fiéis das boas condutas a serem tomadas neste mundo e a obediência aos sacramentos e a liturgia, para que o corpo e a alma possam viver em harmonia. Os monges, após a morte, têm o seu lugar reservado no Paraíso, o Muro de Ouro, conforme o relato da *Visão de Túndalo*, estando próximo de Deus e alcançando o repouso.

Referências

Fontes

Visio Fursy. In: BEDE. Historical works, vol. 1: *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*. Tradução bilíngue latim-inglês de J. E. King (Livros I-III). Cambridge: Harvard University Press, 1994, Bk 3.19, p. 414-429.

Visão de Túndalo. Ed. de F.H. Esteves Pereira. In: *Revista Lusitana*, 3, 1895, pp. 97-120.

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. In: *Revista Lusitana*, n. s., 4, 1982-1983, pp. 38-52.

The Incredible Vision of Saint Drythelm (Drythelm's Vision). BEDE, THE VENERABLE, Ecclesiastical History of the English Nation, Bk, 5.12. In: Classical Christianity.

<http://classicalchristianity.com/2011/10/29/the-incredible-vision-of-st-drythelm/>
acesso em 28/02/2011.

Estudos

BASCHET, Jérôme. *A Civilização feudal*. São Paulo: Globo, 2006.

BASCHET, Jérôme. La Conception de l'Enfer en France au XIV^e siècle: imaginaire et pouvoir. In : *Annales. Économies. Sociétés, Civilisations*. 40^e année. N. 1, 1985, pp. 185-207.

CAROZZI, Claude. *Le Voyage de l'Âme dans l'Au-Delà d'Après la Littérature Latine (V-XIII^eme Siècle)*. Paris: École Française de Rome, 1994.

CAROZZI, Claude. Resenha do livro *Vision und Visionsliteratur im Mittelalter*, de P. Dinzelsbacher. In: *Revue Belge de Philologie et Histoire*, v. 63, 1985, pp. 377-381.

CAVAGNA, Mattia. La "Visione di Tungdal" e la Scoperta dell'Inferno. 2004. Disponível em: http://www2.lingue.unibo.it/studi%20celtici/Articolo_9_%28Cavagna%29.pdf Acesso em 28/02/2011.

COMBY, Jean. *Para Ler a História da Igreja. Das origens ao século XV*. São Paulo: Loyola, 1996.

DUBY, Georges. *As Três Ordens ou o Imaginário do Feudalismo*. Lisboa: Estampa, 1982.

DELUMEAU, Jean. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Cia de Bolso, 2009.

DELUMEAU, Jean. *O que Sobrou do Paraíso?* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

- LE GOFF, Jaques. Além. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V. I. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, pp. 21-34.
- LOYN, Henry R (Org.). *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- NOGUEIRA, Carlos Roberto F. *O Diabo no Imaginário Cristão*. 2ª Ed. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- PATCH, Howard. *El Otro Mundo en la Literatura Medieval*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- SCHMITT, Jean-Claude. Clérigos e Leigos. In. LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V. I. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, pp. 237-251.
- SCHMITT, Jean-Claude. Imagem. In. Le Goff, Jacques. SCHMITT, Jean-Claude (coord.) *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. V. I. Trad. de Hilário Franco Júnior. São Paulo/ Bauru: Imprensa Oficial/ EDUSC, 2006, pp. 591-605.
- SCHMITT, Jean-Claude. *O Corpo das Imagens*. São Paulo: EDUSC, 2007.
- SCHMITT, Jean-Claude. *Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- VOVELLE, Michel. *As Almas do Purgatório ou o Trabalho do Luto*. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.
- ZIERER, Adriana. “Paraíso versus Inferno: A Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (Século XII)”. In: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Pardo (coord). *Expresar lo Divino: Lenguage, Arte y Mística. Mirabilia. Revista de História Antiga e Medieval*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/J.W. Goethe-Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003, pp. 137-162. Disponível em: www.revistamirabilia.com. Acesso em 20 de março de 2011.
- ZIERER, Adriana M. S. Oralidade, Ensino e Imagens na *Visão de Túndalo*. In: *Domínios da Imagem (UEL)*, Londrina, ano III, v. 6, 2010, pp.7-22. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/dominiosdaimagem/index.php/dominios/article/view/83/50> Acesso em 30 de março de 2011.
- ZUMTHOR, Paul. *A Letra e a Voz. A “Literatura” Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOTAS

¹ Este artigo se baseia em resultados da pesquisa “Representações do Cavaleiro no Imaginário Medieval”, coordenado por Adriana Zierer (UEMA) e que teve entre seus bolsistas Bianca Trindade Messias (BIC-UEMA).